

# A AULA DE CAMPO NA LICENCIATURA DE GEOGRAFIA: REFLEXÃO A PARTIR DA AULA REALIZADA NOS SERTÕES DO CEARÁ E PERNAMBUCO

*Ana Poliana Fernandes Alcântara*

Graduada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri, vinculada ao Laboratório de Análise Geoambiental (LaGeo), ao Grupo de Pesquisa em Climatologia Geográfica e Bacias Hidrográficas do Semiárido LabClima, e ao Laboratório de Geografia Agrária (LABGEA).

[anapoliana.alcantara@urca.br](mailto:anapoliana.alcantara@urca.br)

*Maria Daniely Freire Guerra*

Doutora em Geografia e Docente do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri,

[daniely.guerra@urca.br](mailto:daniely.guerra@urca.br)

*Ana Karolyne Ferreira Nascimento*

Graduanda em Geografia pela Universidade Regional do Cariri e integrante do Laboratório de História Social (LABORE), bolsista de Iniciação Científica (BPI-FUNCAP) e orientanda voluntária do Laboratório de Geoprocessamento (LABGEO) e do Laboratório Quatro Elementos Geografia e Criatividade

[nascimento.karol@urca.br](mailto:nascimento.karol@urca.br)

**RESUMO:** A aula de campo na Licenciatura de Geografia é uma metodologia de grande relevância, pois aproxima teoria e prática. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da aula de campo, a partir da experiência vivenciada na disciplina de Domínios de Paisagens Brasileiras, ofertada no Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA). O traçado da aula de campo buscou perseguir o objetivo da disciplina, dentro dos limites possíveis de deslocamento, numa extensão de cerca de 243 km, do sul do estado do Ceará ao norte do estado de Pernambuco, entre os municípios de Crato/CE e Triunfo/PE. Neste viés, seguiu-se as etapas metodológicas realizadas na disciplina já mencionada, a saber: i) o levantamento bibliográfico (pré-campo), ii) produção de caderno de campo e aquisição de registros fotográficos (durante o campo) e, iii) apresentação dos resultados da aula de campo (pós-campo). Ao longo do percurso foram realizadas 05 paradas, com o intuito de analisar e discutir as relações dos elementos da paisagem, com ênfase para os aspectos físicos debatidas anteriormente em sala de aula, tais como: geomorfologia, geologia, vegetação, clima/microclima e solos, em escala regional e local. Desse modo, conclui-se que a aula de campo foi um complemento prático importante para entendimento dos conteúdos vistos em sala.

**Palavras-chave:** Aula de campo. Ensino de Geografia. Formação docente. Paisagem. Metodologia.

## THE FIELD CLASS IN GEOGRAPHY UNDERGRADUATION: REFLECTION FROM THE REALITY CLASS IN THE SERTÕES OF CEARÁ AND PERNAMBUCO

**ABSTRACT:** The field class in the Geography graduation is a methodology of great relevance, as it brings theory and practice closer together. This work aim is to demonstrate the importance of the field class, based on the experience gained during the subject of Brazilian Landscape Domains, offered on the Geography degree by the Regional University of Cariri (URCA). The way of the field class sought to pursue the subject's objective, within the limits of possible travel, in about 243 km, from the south of the state of Ceará to the north of the state of Pernambuco, between the municipalities of Crato/CE and Triunfo/PE. In this respect, we followed the methodological steps taken in the course already mentioned, namely: i) the bibliographical survey (pre-field class), ii) production of a field notebook and the photographic record acquisition (during the field class) and, iii) presentation of the results of the field trip (post-field class). Five stops were made along the way in order to analyse and discuss the relationships between the elements of the landscape, with an emphasis on the physical aspects discussed previously in the classroom, such as: geomorphology, geology, vegetation, climate/microclimate and soils, on a regional and local scale. Thus, it can be concluded that the geography field class was an important practical complement for understanding the contents seen in the classroom.

**Keywords:** Field trip. Geography Teaching. Teacher training. Landscape. Methodology.

### 1 INTRODUÇÃO

A Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico, para tanto, para o ensino de Geografia, faz-se necessário ir muito além do “cubículo” da sala de aula. Desse modo, a Geografia em suas diversas facetas, seja humana ou física, requer uma apropriação mais concreta das relações e interações dos elementos que compõem o espaço, visto que a mesma busca investigar as mudanças e transformações que ocorrem no espaço.

Na Licenciatura em Geografia essa apropriação se torna necessária e possível a partir da junção da teoria à prática, a qual se dá pela compreensão de conceitos e do contato e a exploração dos diversos componentes que a paisagem apresenta. Ou seja, uma aproximação de todos os elementos do espaço com os conceitos já estudados em sala de aula, o que de modo geral irá fazer com que o aluno visualize suas relações no seu dia a dia, e não somente memorizando os conceitos geográficos.

Desse modo, a aula de campo se faz como um recurso metodológico que vai atender a essa demanda de unir a teoria à prática. A aula de campo consiste em uma importante metodologia de ensino e aprendizagem, a qual vai trazer uma contextualização visível daquilo que foi visto nas aulas no meio acadêmico.

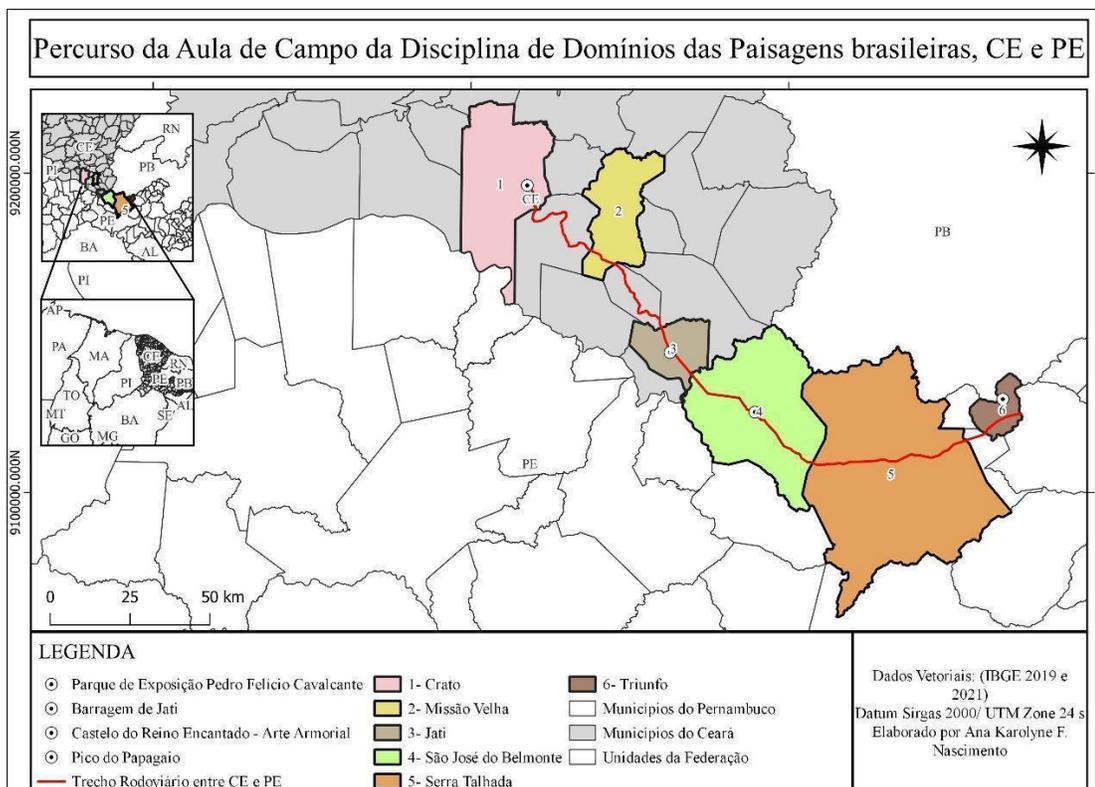
Como destaca Babarboza e Rodrigues (2016):

A aula de campo vai desenvolver o papel primordial para o melhor entendimento dos conteúdos trabalhados em sala através da observação direta, levando em consideração os temas que foram abordados, sejam físicos (geomorfologia, geologia, vegetação) ou humanos (aspectos sociais, econômicos, políticos), mas sempre contextualizando esses temas, mostrando a importância da preservação ambiental sendo o aluno, produtor e reprodutor do seu espaço vivido (BABARBOZA; RODRIGUES, 2016, p. 2).

Visto a importância de se aplicar a teoria na prática, o presente artigo tem como objetivo demonstrar a importância da aula de campo, a partir da experiência vivenciada na disciplina de Domínios de Paisagens Brasileiras, ofertada no Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA). Para tanto, buscou-se compreender o ambiente de forma integrada e complexa, contextualizada com as aulas teóricas, ao longo do percurso realizado no do sul do estado do Ceará e norte do estado de Pernambuco.

A disciplina Domínios de Paisagens Brasileiras tem como objetivo levar o discente a compreender a dinâmica entre os componentes biofísicos das paisagens brasileiras e sua influência nas potencialidades e limitações destas ao uso e manejo pelas sociedades.

Neste intento, o traçado da aula de campo buscou perseguir o objetivo da disciplina, dentro dos limites possíveis de deslocamento, numa extensão de cerca de 243 km. Para tanto, seguindo pelos municípios de Crato (onde está localizado o Curso de Geografia da URCA), Missão Velha e Jati, localizados no estado do Ceará e os municípios de São José do Belmonte, Serra Talhada e Triunfo localizados no estado de Pernambuco (Figura 1). O trajeto foi realizado com o intuito de visualizarmos as diferentes paisagens e seus diversos elementos físicos.



**Figura 1: Mapa do percurso e paradas realizadas durante a aula de campo.**

**Fonte: Os autores, 2022.**

Os estados do Ceará e de Pernambuco estão situados na Região Nordeste do Brasil e possuem extensões significativas dentro do limite do semiárido. O estado do Ceará possui 148.894,447 km<sup>2</sup>, limitado a norte pelo Oceano Atlântico, a leste pelos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, a sul pelo estado de Pernambuco e a oeste pelo estado do Piauí. O estado de Pernambuco possui 98.067,877 km<sup>2</sup>, sendo limitado a norte pelos estados do Ceará e Paraíba, a leste pelo Oceano Atlântico, a sul pelos estados de Alagoas e Bahia, a oeste pelo estado do Piauí (IBGE, 2022).

Ambos os estados estão geologicamente inseridos na Província Borborema, datada do Neoproterozóico, que tem por configuração e evolução morfoestrutural influenciada por três eventos principais, são eles: (1) a orogênese do Atlântida (2,2 Ga); (2) a orogênese Brasileira (entre 650 540 Ma), e (3) a divisão cretácea do Pangea (por volta de 180 Ma)” (CLAUDINO-SALES, 2018, p. 447). Tais eventos estruturaram uma paisagem cercada por elevadas porções de terras, formando o Anfiteatro Borborema (CORDEIRO *et al.*, 2017), “emoldurado por terras altas

que encerram superfícies aplainadas interiores abertos em direção à zona costeira, com relevos estruturais e residuais quebrando a monotonia da paisagem” (CLAUDINO-SALES, 2018, p. 447).

Os dois estados integram o Domínio morfoclimático das Depressões Interplanálticas Semi-Áridas do Nordeste, ou Domínio da Caatinga, caracterizada com clima seco com elevadas temperaturas, índices pluviométricos baixos, com paisagens morfológicas e fitogeográficas bizarras, revestido por Caatingas, e com fraca decomposição de rochas tendo solos rasos com afloramentos rochosos (AB’SÁBER, 2003).

No interior da área *core* do Domínio da Caatinga, há ainda a presença de alguns enclaves, ou seja, áreas com características fisiográficas e ecológicas que são uma exceção às características predominantes desse Domínio morfoclimático. Regionalmente, parte dessas áreas são designadas como brejos de altitude, os quais agrupam microrregiões úmidas e florestas, com solos profundos, a exemplo de Triunfo-PE, (AB’SÁBER, 2003).

Assim, a realização da aula de campo serviu para que pudéssemos analisar essas características particulares de cada área como as litologias, os tipos de intemperismo, as formas de relevo, solos, as condições climáticas e a vegetação.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho bem como a realização da aula de campo seguiu algumas etapas para seu desenvolvimento. O primeiro foi o levantamento bibliográfico baseado em autores que retratam a temática, bem como os textos trabalhados na disciplina Domínios de Paisagens Brasileiras, ofertada no Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA, autores como Schobbenhaus e Brito Neves (2003), Ab’Sáber (2003), Ross (2006), Guerra e Guerra (2008), Cavalcanti (2009), Bezerra *et al.*, (2020), entre outros.

Na segunda etapa, foi realizada a produção de uma caderneta de campo, que “é uma ferramenta fundamental, pois proporciona registros de momentos, emoções, interpretações, descrição de paisagens e lugares, momentos e memórias através do olhar do estudante no

decorrer das aplicações de instrumentos e momentos de observação e interação” (BEZERRA *et al.*, 2020, p. 348).

Assim como, foi realizado o levantamento cartográfico e a caracterização física, pois são de suma importância, visto que “estudar um ambiente é essencial uma caracterização ambiental (geologia-geomorfologia, clima, solos, hidrografia e vegetação) da área de estudo, pois os elementos naturais fornecem dados que auxiliam nas análises e facilitam no momento do campo” (GOMES *et al.*, 2019, p. 788).

A aula de campo foi configurada como parte da finalização da disciplina supramencionada, visto que nela ilustraria e teria uma maior concretização e compreensão daquilo que foi visto e discutido em sala de aula. Foram realizadas 05 paradas, com o intuito de analisar, discutir as relações dos elementos da paisagem.

De modo geral, se observou vegetação, litologia, formas de relevo, diversidade climática (microclima), afloramentos rochosos, ação do intemperismo (físico, químico e biológico), os solos, entre outros aspectos característicos do trajeto estudado. No decorrer da aula de campo foi produzido um caderno de campo com as informações adquiridas durante o percurso, bem como, a tomada de fotografias, com ênfase para os aspectos em análise.

Por fim, foi realizada a apresentação dos resultados em sala de aula, no momento pós-campo, onde os alunos puderam demonstrar os conhecimentos adquiridos, a partir de exposição orais com uso de imagens, anotações e amostras de solos, rochas e plantas coletas em campo, sendo possível uma maior interpretação e discussão.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A aula de campo foi realizada nos dias 12 e 13 de agosto de 2022. Iniciou-se com a saída da cidade do Crato/CE com destino à Triunfo/PE, no percurso foram realizadas paradas nos municípios de Missão Velha e Jati no estado do Ceará e nos municípios de São José do Belmonte, Serra Talhada e em Triunfo, no Pico do Papagaio, no estado de Pernambuco.

No trajeto pré-estabelecido, bem como em todas as paradas pode-se perceber as diferentes características dos aspectos geomorfológicos, do clima, dos solos e da vegetação e das

interações dos mesmos nas feições dos elementos e processos que auxiliam à transformação da paisagem.

Seguindo o roteiro, a primeira parada foi no município de Missão Velha, as principais características discutidas foram ligadas a bacia sedimentar do Araripe e às formas de relevo que a mesma apresenta, como a Chapada do Araripe e o morro testemunho ao seu entorno esculpido pela erosão em recuo lateral da Chapada (Figura 2), bem como as atividades geológicas envolvidas em seus processos de formação e evolução.



**Figura 2: Parada no município de Missão Velha - CE na Bacía sedimentar do Araripe ao fundo a Chapada do Araripe e morro testemunho (Serra da Mãozinha).**

**Fonte: Os autores, 2022.**

A Bacía Sedimentar do Araripe é datada do Paleó-Mesozóico, sendo a maior das bacias interiores da Província Borborema, tendo no setor oriental como formas de relevo principais a Chapada do Araripe, a Depressão Periférica do Cariri e o Morro testemunho da Serra da Mãozinha (GUERRA, 2019).

De acordo com Assine (2007), a litoestratigrafia da Bacía Sedimentar do Araripe é compreendida pelas seguintes sequências: Formação Cariri (Paleozóica); as formações Brejo Santo, Missão Velha (Jurássica) e Abaiara (Cretácea), pertencentes ao Grupo Vale do Cariri; e as

formações Barbalha, Santana – com seus Membros Crato e Romualdo –, formações Araripina e Exu, pertencentes ao Grupo Araripe (Cretáceo).

Merecem destaque as formações Missão Velha (Jkmv) e Santana (Ks), que abrigam importantes acervos fossilíferos, sendo respectivamente, representados pela floresta petrificada (Jurássico) e o amplo acervo de fauna e flora, desde insetos, pterossauros, peixes e vegetais com e sem flores e frutos (Cretáceo) (ASSINE, 2007).

A Chapada do Araripe, pela extensão espacial, expressividade altimétrica regional (próximo a 1.000 m) e sua complexidade morfogenética, é o principal compartimento geomorfológico. Associada a este compartimento tem-se a distribuição de distintas fitofisionomias, desde os enclaves de Mata Úmida, Cerradão, Cerrado ao Carrasco (LOIOLA *et al.*, 2015).

A Chapada do Araripe e seu entorno possui condições climáticas subúmidas e com totais pluviométricos superiores a 900 mm, logo em resposta às interações mútua desses elementos clima e topografia, a uma maior homogeneidade dos tipos de solos tendo como principais classes os Latossolos e Argissolos (pedogeneticamente bem desenvolvido) e os Neossolos (pouco desenvolvidos) (CEARÁ, 2006).

Seguindo o percurso da aula de campo, saindo da bacia sedimentar do Araripe entramos na depressão sertaneja, no município de Jati - CE (semiárido típico). A depressão sertaneja é caracterizada por um “relevo suavemente ondulado com presença de maciços residuais, os solos são rasos, pedregosos e de origem cristalina com fertilidade média/alta sofrendo com processos de erosão” (ARARIPE *et al.*, 2021, p. 3281).

O município de Jati está inserido na Bacia Hidrográfica do rio Salgado, e é um importante ponto de captação e distribuição das águas do eixo norte da transposição do rio São Francisco e do Cinturão das Águas Ceará – CAC.

O CAC está integrado ao Projeto de Transposição de Águas do Rio São Francisco, onde a partir do mesmo “serão construídos três trechos e seis ramais conectados através de 1.338,65 km de canais de concreto, túneis e sifões. A previsão é que todas as bacias hidrográficas do estado estejam interligadas garantindo água para 93% do estado” (SILVA; NOBRE, 2016, p. 24).

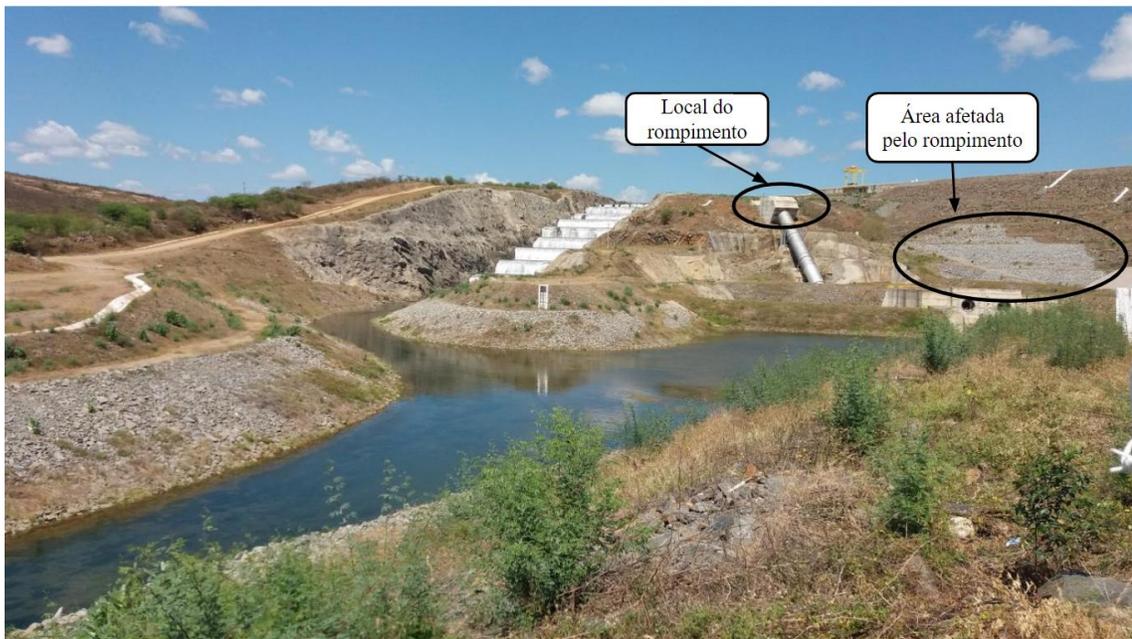
O trecho 1 do CAC possuirá 145,3 Km de extensão, tendo tomada d’água será iniciada na barragem Jati, o mesmo se desenvolverá no sentido leste-oeste (margeando a Chapada do

Araripe) e recortar as bacias hidrográficas do Salgado e Alto Jaguaribe, seu término será na travessia do rio Cariús (SABOIA; SAMPAIO, 2015).

De acordo com o Relatório de Impacto Ambiental do CAC (EIA/RIMA, 2010), o CAC integrado ao Projeto de Transposição de Águas do Rio São Francisco, tem como objetivo geral garantir a oferta de água em todas as macro-bacias hidrográficas do estado, e em específico:

[...] Garantir o suprimento hídrico de uma parcela representativa das populações difusas do meio rural e dos pequenos aglomerados urbanos, [...] das cidades interioranas de pequeno a médio porte e de algumas cidades grandes, [...] contribuir para a melhor eficiência hídrica de grandes reservatórios de perenização [...] Fornecer oferta hídrica para projetos de irrigação, em especial os com produção centrada no cultivo de frutíferas e outras culturas perenes [...] e por fim, promover o desenvolvimento do turismo na região litorânea a oeste de Fortaleza[...] (EIA/RIMA, 2010, p. 13).

A inauguração da Barragem de Jati (trecho 1), foi realizada em 21 junho do ano de 2020, no entanto, um dia após a sua inauguração houve um rompimento de uma tubulação da água (Figura 3), e as obras para a recuperação duraram dez dias. Os estragos provocados pela intensidade da água foram na estrutura próxima à parede da barragem, onde provocou enxurrada de lama e pedras que arrastou postes, gerador de energia, cabos de alta tensão, casa de vigilância, casa de válvula e até uma camionete de uma das empresas de engenharia contratadas, felizmente não houveram feridos (G1, 2020).



**Figura 3: Parede da Barragem de Jati - CE.  
Fonte: Os autores, 2022.**

A terceira parada foi na cidade de São José do Belmonte no semiárido pernambucano (Figura 4), o mesmo está localizado na bacia sedimentar São José do Belmonte e está inserida na subprovincia central da Província Borborema, e na bacia hidrográfica do Rio Pajeú, afluente do Rio São Francisco (BELTRÃO *et al.*, 2005).



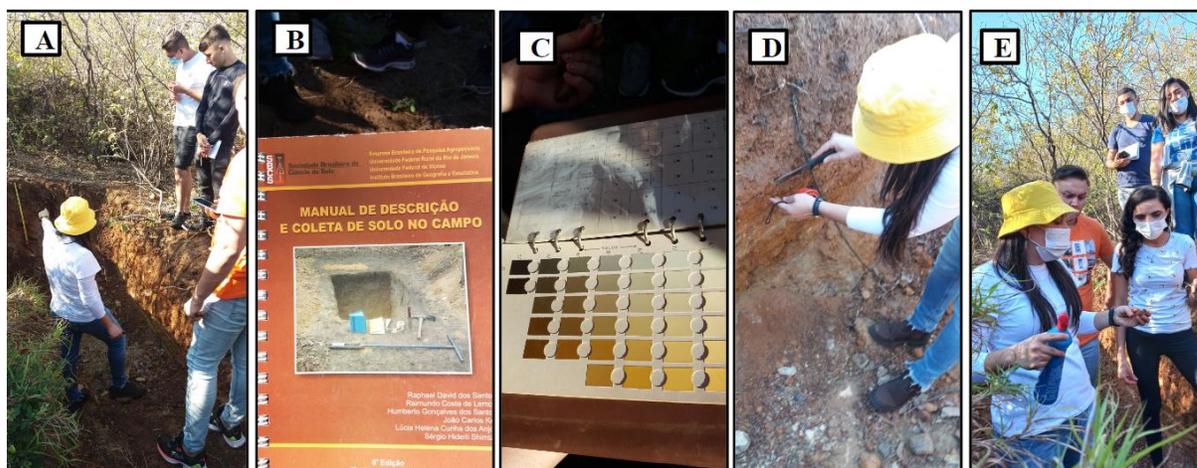
**Figura 4: Paisagem da Bacia sedimentar de São José do Belmonte/PE, com relevo plano e suave com remanescente da vegetação caducifólia.**

**Fonte: Os autores, 2022.**

A Bacia Sedimentar de São José do Belmonte é classificada como uma das pequenas bacias que compõem o conjunto de Bacias Interiores do Nordeste do Brasil, assim como a Bacia Sedimentar do Araripe tem origem e evolução relacionada ao contexto de fragmentação de Gondwana (FREITAS *et al.*, 2018).

Sendo a bacia intracratônica de São José do Belmonte, bordejada por serras graníticas, entre a zona de cisalhamento de Patos a norte, e a sul pela zona de cisalhamento de Pernambuco.

Seguindo pelo sertão pernambucano, foi feita uma parada no município de Serra Talhada, na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, onde fomos gentilmente acompanhados pela professora Dra Glêvia Kamila Lima, que nos apresentou três trincheiras de solos (Figura 5-A), e suas principais características e diferenças, bem como materiais necessários para se realiza uma primeira análise e descrição morfológica de perfil do solo, tais como: Manual de descrição e coleta de solo no campo da Sociedade Brasileira de Ciências do Solo (SBCS) (Figura 5-B), a Carta de cores de Munsell (Figura 5-C), trena (5 m), lupa, água, faca e etc.



**Figura 5: A) Apresentação do perfil do solo; B) Manual de descrição e coleta de solo no campo SBCS; C) Carta de Munsell; D) Coleta de solo; E) Análise da textura do solo.**

**Fonte: Os autores, 2022.**

A partir da análise morfológica dos perfis podemos visualizar: profundidade, textura, cor do solo (a partir da Carta de cores de Munsell), transição entre horizontes, espessura e arranjo dos horizontes, fendas, presença de raízes, o material de origem, a formação e degradação do solo (regolito e saprolito), bem como, a sua importância para os estudos da paisagem.

Nas três trincheiras visitadas/analizadas foram realizadas análises morfológicas básicas de consistência (Figura 5-D), para tal se utilizou se água para umedecer e modelar com as mãos e a partir do tato avaliar a sua textura nas porções de areia (sensação de aspereza), silte (cerosidade), plasticidade (capacidade de mudar de forma - moldar), e pegajosidade (capacidade de aderir a outros objetos) (Figura 5-E). Bem como, foram discutidos alguns dos principais problemas no solo com erosão, lixiviação, desertificação, arenização, salinização, laterização, entre outros.

A última parada foi no município de Triunfo-PE, nosso destino final, mais especificamente no Pico do Papagaio (Figura 6), uma intrusão granítica, sendo o ponto mais alto do estado Pernambuco com 1.186 metros de altitude o mesmo é classificado como um brejo de altitude, que corresponde à áreas com níveis altimétricos mais elevados e condições climáticas mais úmidas do que as áreas que o rodeia e abrigam verdadeiros enclaves de floresta úmida

localizado em meio ao semiárido, os brejos de altitude apresentam características peculiares tais como:

altitudes em geral superiores a 600 m; clima úmido ou subúmido, com precipitação anual entre 900 – 1300 mm; solos profundos, argilosos, com elevado teor de água disponível, onde dominam os tipos podzólicos vermelho-amarelos eutróficos e distróficos e os latossolos vermelho -amarelos húmicos e amarelos, ambos distróficos. A vegetação natural destas localidades é a floresta perenifólia ou subperenifólia, que recobre os topos e as vertentes de serras que, por sua vez, são circundadas por vegetação xerófila de caatinga, nas altitudes inferiores. (THEULEN, 2004, p. 299).



**Figura 6: Vista panorâmica setor leste do Pico do Papagaio, em Triunfo/PE.**

**Fonte: Os autores, 2022.**

No Pico do Papagaio, foi possível visualizar características do relevo forte ondulado, com rochas desnudas e testemunhos de erosão ao seu entorno, e as alterações causadas pelo intemperismo tanto físico como químico e biológico (Figura 7), assim como requisitos de vegetação de mata atlântica e a caatinga, como também se pode sentir um conforto térmico oriundo de um microclima com temperaturas mais amenas que o semiárido circunjacente.



**Figura 7: Presença dos intemperismos físico, biológico e químico no Pico do Papagaio em Triunfo/PE.**

**Fonte: Os autores, 2022.**

A aula de campo como parte final da disciplina teve como processo avaliativo o campo e o pós-campo. No campo pela participação e a confecção do caderno de campo, elaborado a partir das observações e discussões durante todo o percurso, onde os alunos usaram da criatividade por meio de colagens, mapa mental, desenhos, figuras e anotações, amostras e etc., (Figura 8).



**Figura 8: Exemplos de Cadernos de campo elaborados pelos alunos, usando da criatividade como imagem, amostras, mapa mental e desenhos.**  
**Fonte: Os autores, 2022.**

No pós-campo, a avaliação se deu a partir da apresentação das anotações, fotografias e observações coletadas e das experiências vivenciadas em todo o percurso, apresentação essa por meio do caderno de campo, amostras e exposições de anotações e fotos dos locais visitados (Figura 9), onde os alunos puderam expor o que aprenderam, como também relacionando com o que foi visto em sala de aula.



**Figura 9: Apresentação e exposição das experiências da aula de campo.  
Fonte: Os autores, 2022.**

Desse modo conclui-se que a aula de campo foi um complemento prático importante para entendimento dos conteúdos vistos em sala. Assim como, um recurso necessário para viabilizar a compreensão dos fenômenos e elementos geográficos que se manifestam no espaço.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo foi demonstrar a relevância da aula de campo, a partir da experiência vivenciada na disciplina de Domínios de Paisagens Brasileiras, ofertada no Curso de Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA). Na trajetória da análise empreendida, destaca-se a importância das atividades realizadas nas etapas de pré-campo, campo e pós-campo, com enfoque para as suas particularidades. Obtendo, portanto, o alcance do que foi proposto.

É notória a importância das aulas de campo no processo de ensino-aprendizagem, pois permite um elo entre teoria e prática, possibilitando uma imersão reflexiva desenvolvida a partir de observações e registros (escritos e fotográficos). Dada a sua importância, para o

desenvolvimento satisfatório de uma aula de campo, é necessário seguir uma sequência didática composta por planejamento, execução e avaliação.

Em razão do objetivo da disciplina de Domínios de Paisagens Brasileiras, a aula de campo em epígrafe, limitou-se a análise da dinâmica dos componentes biofísicos das paisagens apreciadas ao longo do percurso. Todavia, é salutar que na realidade espacial, sociedade e natureza estão interrelacionadas.

Ademais, destaca-se a importância da continuidade do desenvolvimento de pesquisas, nesta ou em outras áreas, pois possibilita envolver de maneira mais ampla os discentes, a fim de acrescentar novas formas de observar o espaço geográfico como cidadãos e pesquisadores. Assim como, colabora para a formação de futuros professores, os quais, poderão replicar esta metodologia nas suas futuras turmas.

## REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo, Ateliê editorial, 2003.
- ARARIPE, F. A. A. L. et al. Pressões e ameaças em unidades de conservação federais da depressão sertaneja setentrional, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, n. 05, p. 3279-3293, 2021. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe> Acesso em: 17/03/2023
- ASSINE, M. L. Bacia do Araripe. **Boletim Geociências Petrobras**, v. 15, n. 2, p. 371-389, Rio de Janeiro, 2007.
- BARBOZA, B. S. S.; RODRIGUES, H. M. Prática de ensino: a importância da aula de campo em disciplinas acadêmicas para formação docente em geografia. *In*: Anais do: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luís/MA**, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/simposio/anaiscomplementares>. Acesso em: 18/09/2022
- BELTRÃO, B. A.; MASCARENHAS, J. C.; MIRANDA, J. L. F.; (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea no estado de Pernambuco: relatório diagnóstico do município de São José do Belmonte**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005, p. 21.

BEZERRA, I. R.; ALENCAR, F. A. G.; OLIVEIRA, D. G. POR UMA GEOGRAFIA VIVENCIADA: importância das práticas de campo na formação de professores de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 20, p. 337-356, 2020. <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i20.824>. Acesso em: 08/09/2022

CEARÁ. **Geopark Araripe**: Histórias da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura. Governo do Estado do Ceará: Fortaleza, 2010.

CEARÁ. FUNCEME - Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos. **Zoneamento geoambiental do estado do Ceará: Parte II: Mesorregião do sul cearense**. Fortaleza, 2006.

CLAUDINO-SALES, V. Megageomorfologia do Nordeste Setentrional Brasileiro. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 35, n. 4, p.442-454, 2018.

CORDEIRO, A. M. N.; BASTOS, F. H.; MAIA, R. P. Caracterização geoambiental e compartimentação geomorfológica da Serra do Quincuncá e entorno, Nordeste do Brasil. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 34, p. 106-121, 2017. <https://doi.org/10.11606/rdg.v34i0.137653>. Acesso em: 20/09/2022

EIA/RIMA. **Estudo de Impacto Ambiental – EIA, Relatório de Impacto Ambiental – RIMA**. Estudo de viabilidade técnico - econômica, estudo ambiental e ante-projeto do trecho Jatí - Cariús do Cinturão de Águas do Ceará – CAC, Secretaria de Recursos Hídricos (SRH), 2010.

FREITAS, W. R. A.; FILHO, M. F. L.; SILVA, V. L.; AGOSTINHO, S.; PIOVESAN, E. K. Geologia da porção centro-leste da Bacia São José Do Belmonte, Pernambuco, NE do Brasil. **Estudos Geológicos**. 10.18190/1980-8208/estudosgeologicos. v.28, n.1, p.3-19.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ceará Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/panorama>. Acesso em: 02/10/2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pernambuco panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/panorama>. Acesso em: 02/10/2022.

G1. **Rompimento de tubulação em Jati gerou vazão 10 vezes maior e soterrou carro e equipamentos**. Ceará 26/08/2020, Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/08/26/rompimento-de-tubulacao-em-jati-gerou-vazao-10-vezes-maior-e-soterrou-carro-e-equipamentos.ghtml> Acesso em: 25/03/2023.

GOMES, J. F.; LUNA, V. F.; SILVA, M. O.; RIBEIRO, S. C. A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOMORFOLOGIA DO SEMIÁRIDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NOS SERTÕES DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO NORTE. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 784–794, 2019. DOI: 10.35701/rcgs.v21n2.561. Disponível em: <https://doi.org/10.35701/rcgs.v21n2.561>. Acesso em: 10/10/2022.

GUERRA, M. D. F. **Veredas da Chapada do Araripe**: contexto ecogeográfico de subespaços de exceção no semiárido do Estado do Ceará, Brasil. 2019. 210 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

LOIOLA M. I. B., ARAÚJO F. S., LIMA-VERDE L. W., *et al* 2015. Flora da Chapada do Araripe. In: Albuquerque UP, Meiado MV. (eds.) Sociobiodiversidade na Chapada do Araripe. Bauru, NUPEEA: Canal 6. p. 103-148.

SABOIA, A. L.; SAMPAIO, J. L. F. **Análise do cinturão das águas do Ceará no âmbito da reestruturação produtiva**. Anais II WIASB... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/17179>. Acesso em: 20/03/2023

SILVA, J. F.; NOBRE, F. W. O discurso da seca e da crise hídrica: uma análise do Cinturão das Águas do Ceará. **Sustentabilidade em Debate**, v. 7, p. 22 - 37, 7 dez. 2016. <https://doi.org/10.18472/SustDeb.v7n0.2016.18756>. Acesso em: 20/03/2023

THEULEN, V. Conservação dos brejos de altitude no Estado de Pernambuco. *In*: PORTO, K.C.; CABRAL, J. J. P. ; TABARELLI, M. (Org.) **Brejos de altitude: história natural, ecologia e conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, (série Biodiversidade, n. 9), p. 299-302, 2004.